

## MEMORIAL DE FORMAÇÃO: EXPEDIENTE METODOLÓGICO DE ESCRITA E REFLEXÃO DA DOCÊNCIA

Ester Maria de Figueiredo Souza<sup>1</sup> - (UESB)

Leidiane Santos Dourado<sup>2</sup> - (UESB)

**Resumo:** Este texto é resultado de estudo que tematizou o memorial de formação como objeto de análise e, como delimitação para objetiva expor esse gênero discursivo como expediente metodológico de escrita e reflexão para a formação docente. Para tanto, tomamos como matéria de análise três memoriais produzidos por professoras/alunas em exercício do Curso de Licenciatura em Pedagogia Ensino Fundamental/ Séries iniciais. A pesquisa bibliográfica pautou-se em referências de Nóvoa (1995), Freire (1996), Prado e Soligo (2005), Souza (2006; 2008), dentre outros, para reflexões sobre formação docente e narrativas autobiográficas. No âmbito deste estudo, adotamos uma concepção de formação que transcende os domínios da escola, abarcando também as significações da vida pessoal, pois antes de serem professores são sujeitos sociais que constroem trajetórias, experiências e memórias. Analisamos discursivamente o memorial de formação como um espaço em que os professores em formação continuada do curso de Licenciatura em Pedagogia expressam seus objetivos, expectativas, indignações, emoções, reflexões acerca da prática de sala de aula. A partir dessa análise, verificou-se que o memorial de formação configura-se como um expediente metodológico de grande valor em virtude de promover a reflexão sobre a formação e sobre a prática, contribuindo, portanto, com a autoformação docente. Essa natureza reflexiva e autorreflexiva da escrita auto e biográfica, associada às condições discursivas do ensino e formação de professores, revela que investir na dimensão pedagógica, explorando a escrita individual e atividades em grupo registradas no gênero memorial, faz com que o professor em constante formação tome consciência da prática educativa que desenvolve para ressignificá-la, moldá-la e até transformá-la em direção a um aperfeiçoamento profissional.

**Palavras- Chave:** Formação docente; Memorial de formação; Reflexão.

### Introdução

Este trabalho, síntese de reflexões desenvolvidas em dissertação de mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens defendida em 2015, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* de Vitória da Conquista – Ba, volta-se para um gênero autobiográfico, o memorial de formação, com o intuito de investigar qual o seu potencial na formação de professores se pensado como expediente metodológico de escrita e reflexão da docência.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB  
E-mail: emfsouza@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Letras. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação GPLeD/UESB.  
E-mail: leidianedourados@hotmail.com.

Para realização desta pesquisa tomamos como matéria para análise três memoriais de formação produzidos por professoras/alunas em exercício do Curso de Licenciatura em Pedagogia Ensino Fundamental/ Séries iniciais da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Irecê (FACED/UFBA/IRECÊ), entre os anos de 2008 e 2011. Os memoriais analisados foram produzidos por professoras/alunas. Eram, na ocasião do curso, casadas e mães. Tinham entre trinta e nove e cinquenta e um anos. Eram professoras concursadas da rede municipal de educação de Irecê, cidade em que exerciam a docência.

Essa investigação alia-se à temática formação docente e narrativas autobiográficas. Desse modo, perpassamos por algumas discussões sobre formação de professores que possibilite o diálogo entre as dimensões pessoais e profissionais do professor e que sejam baseadas em uma reflexão crítica sobre a prática, de acordo, com estudiosos como: Nóvoa (1995), Freire (1996), Pereira (2013) e Teixeira *et al* (2013). Em seguida, procuramos trazer a importância da escrita de narrativas autobiográficas em cursos de formação inicial e continuada, bem como traçar o conceito do gênero autobiográfico, memorial de formação, a partir de autores como Nóvoa (1995), Prado e Soligo (2005), Souza (2006; 2008), Sartori (2008), Ribeiro (2008), Souza e Dourado (2014). E por fim, há a análise dos memoriais de formação, a fim de evidenciar o seu potencial no processo de formação docente.

## **1 Formação docente: reflexões e desafios**

Nóvoa (1995) afirma que o processo de formação deve dotar os professores de uma perspectiva crítico-reflexiva, fornecendo ao mesmo tempo, meios para o desenvolvimento de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Além disso, defende uma formação que possibilite o diálogo entre as dimensões pessoais e profissionais do professor, uma vez que “o professor é a pessoa. Desse modo, a formação docente, segundo o autor, não se constrói por acúmulo de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas através da reflexão crítica sobre as práticas e da (re)construção contínua de uma identidade pessoal. Por isso, entrar no mundo da formação de professores significa acreditar na importância da reflexão realizada a partir das experiências vivenciadas.

De acordo com Nóvoa (1995, p. 27), “[...] as situações que os professores são obrigados a enfrentar (e a resolver) apresentam características únicas, exigindo, portanto, respostas únicas: o profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo”. Nessa direção, Nóvoa complementa, enfatizando que “[...] a lógica da racionalidade técnica opõem-se sempre ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva”. Isto indica que professores competentes, capazes de refletir na e sobre a prática, articulam estratégias e criatividade para resolver problemas do dia-a-dia em sala de aula. As

considerações sobre a temática mostram a necessidade de os cursos de formação de professores formar profissionais capazes de refletir criticamente sobre suas práticas, com capacidade para tomar decisões críticas e criativas em suas ações. Antes disso, é preciso a vontade do professor para se envolver com atividades de formação, assumindo assim a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional para que possa construir sua professoralidade.

Ainda sobre essa discussão, Freire (1996), defende que a formação permanente deve apoiar-se em uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, realizando um processo constante de autoavaliação. É necessário que o professor pense, analise, discuta sua prática cotidiana e interiorize a situação de incerteza e complexidade, porque, segundo Freire “[...] é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. [...]” (FREIRE, 1996, p.39).

É importante frisar, como esclarece Pérez Gómez (1995), que essa reflexão tão discutida não é um processo individualizado, passível de ser estudado fora do seu contexto e das interações entre os sujeitos. A reflexão implica como afirma o autor, “[...] a imersão consciente do homem no mundo da sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, [...] correspondências afectivas, interesses sociais e cenários políticos. [...]” (PÉREZ GÓMEZ, 1995, p.103). Nesse contexto, a reflexão não é um conhecimento neutro, mas sim um conhecimento contaminado pelas dimensões sociais que rodeiam o sujeito produtor da reflexão. Teixeira *et al* (2013) tocam nesta questão e afirma que vê o conceito de reflexão não como um atributo dos seres humanos, mas uma reflexão no campo da formação docente, que tem intencionalidades, que tem contextos e lugares de produção.

Pereira (2013) propõe que a formação de professores tenha como base a constituição da professoralidade do professor indissociada da produção da subjetividade. Segundo ele,

[...] é necessário entrar por uma questão de base: considerar que somos humanos trabalhando com a formação profissional de outros humanos que, por sua vez, trabalharão com a formação geral de outros humanos. Não é uma simples questão de método ou de conteúdo. Sou levado a olhar em direção a um ponto mais fundamental, mais radical: esta coisa da subjetividade [...]. (PEREIRA, 2013, p.47-48)

Repensar a formação de professores não se trata, de acordo com Pereira (2013), de simplesmente discutir teorias e organizar uma nova proposta metodológica ou curricular, mas passa necessariamente pela compreensão de como a condição humana, em sua processualidade, pode compor a professoralidade. Ou seja, passa pela compreensão de como os percursos de vida vão compondo o professor que se vem sendo. Assim, segundo o autor, a

formação do professor não é resultado apenas de uma formação acadêmica, mas ser professor “[...] é o modo de ser de um sujeito que, tendo vivido um dado quadro existencial, se põe como sujeito educante, que educa, que forma outros sujeitos. [...]” (PEREIRA, 2013, p.50).

Do ponto de vista da formação do professor, o autor diz que o recurso à memória “[...] pode contribuir para identificar as diversas marcas pedagógicas que ele carrega em si e que de certa forma, constituem o lastro em que serão alojadas as informações e vivências. [...]” (PEREIRA, 2013, p.182). Ressalta ainda que as marcas recuperadas e produzidas pelo professor através da memória não só contribuem para a compreensão da sua trajetória, mas, sobretudo, pode trazer à tona como funcionam as forças que suscitarão mudanças na forma que se vinha sendo professor. Essa memória que cria e que produz mudanças é denominada de memória projetiva.

## **2 As narrativas autobiográficas e a formação docente**

Segundo Nóvoa (1995), a partir dos anos 80, a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento profissional dos professores. Esses estudos, segundo o autor, tiveram como objetivo: “recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação.” (NÓVOA, 1995, p.15). As abordagens autobiográficas, segundo o autor, constituem um marco de referência para a renovação das formas de pensar a atividade docente, no plano pessoal e profissional e, portanto, merecem ser respeitadas pelo fato de permitir ouvir a voz dos professores. Por esta razão, o autor considera surpreendente e injusto que, durante tanto tempo, os investigadores tenham tratado as narrativas como dados irrelevantes.

Segundo Souza (2006, p.14), “a escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de autoescuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si”.

Santos (2013) defende que as narrativas valorizam as experiências de vida tanto pessoais, quanto profissionais, dando voz aos sujeitos e, ao mesmo tempo, dando-lhes a oportunidade de revelar aspectos subjetivos que inter cruzam as suas práticas docentes, o que lhes possibilitam autocompreensão do conhecimento sobre si, promovendo a oportunidade de dar um novo sentido às suas experiências pessoais e profissionais. Assim, a escrita de narrativas é significativa, porque permite conhecer o interior dos sujeitos pesquisados, fazendo emergir suas trajetórias formativas.

Dessa forma, o memorial de formação, como uma narrativa autobiográfica, se configura como um gênero fértil para pensarmos a docência, uma vez que ele permite o entendimento dos percursos pessoal e profissional, descortinando assim as escolhas feitas e as implicações dessas escolhas no docente que sou. Segundo Souza,

Apropriar-se e pensar a formação, focadas nos memoriais, configura-se como fator preponderante para o entendimento das trajetórias formativas, uma vez que abordam dimensões pessoal e profissional da vida do sujeito, compreendendo as influências referentes às escolhas que são feitas no decorrer da vida. Só assim, analisando o percurso, no sentido de desvendar o profissional que nos habita, e que desejamos ser, é possível conhecer a própria historicidade e dar sentido às experiências vividas, resignificando conhecimentos e aprendizagens experienciais. (SOUZA, 2008, p.44)

Nesse sentido, a produção de memoriais de formação e a reflexão sobre si mesmo é uma perspectiva que vem se afirmando progressivamente nos espaços de formação inicial e continuada à medida que as narrativas se configuram como espaços privilegiados para os professores escreverem seus percursos pessoal e profissional e refletirem sobre seus saberes e conhecimentos.

### **3 Memorial de formação: espaço de escrita e reflexão da docência**

Tendo em vista sua presença como expediente metodológico de escrita e reflexão da docência, a escrita de memorial de formação tem sido uma dinâmica muito frequente nos cursos de formação de professores. Ribeiro (2008, p. 14) diz que “[...] se apresenta como um instrumento capaz de sistematizar as experiências vividas pelos sujeitos docentes de modo a levá-los à reflexão sobre o ser e o fazer em práticas escolares”. Dessa forma, como um gênero formativo, possibilita que os protagonistas da escrita, os professores em formação inicial ou continuada, registrem suas trajetórias de vida e seus percursos de formação, e ao mesmo tempo, façam uma reflexão acerca das mesmas. Sobre o memorial de formação Gaspar, Araújo e Passeggi (2011, p. 03) expõem que:

[...] é um tipo de escrita de si, uma narrativa descritiva e reflexiva sobre uma trajetória de vida e de formação. A grande riqueza da experiência do memorial é compreendida quando o rememorar dos eventos constrói pontes com o presente, criando insights que vão dar lugar a verdadeiras aprendizagens.

Segundo Prado e Soligo (2005) e Sartori (2008), o memorial de formação é um gênero discursivo predominantemente narrativo, uma vez que os sujeitos contam a partir da escrita, sua formação profissional e ainda, quando necessário, sua formação como ser humano em variados estágios. Na escrita do referido gênero, o autor exerce funções diferentes: de autor, como escritor e como personagem-protagonista. Como se trata de um memorial de formação, há um conteúdo específico a ser tratado: nossa formação e momentos da nossa vida que, de alguma forma, estão relacionados com nossa formação. É interessante que o sujeito traga, para a escrita do memorial, reflexões que surgiram a partir do curso do qual participa ou participou e as mudanças decorrentes disso. Sobre isso, Prado e Soligo ponderam:

Sendo o memorial **de formação**, já se tem aí, ao mesmo tempo uma explicitação e um fator limitante: o conteúdo, de modo geral, é nossa formação, mais nossas experiências e partes da história de vida que se relacionam com essas duas dimensões. Mesmo que se opte por um texto mais livre, ainda assim estará referenciado no fato de que trata-se de **um memorial** que é **de formação**. (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 08, grifos dos autores).

O memorial de formação parece ganhar relevância, quando produzido por professores em formação continuada, como é o caso dos memoriais de formação que analisamos neste trabalho. Como são profissionais em exercício, espera-se que tratem do curso do qual participam ou participaram e da prática profissional. Assim, há uma confluência de conhecimentos advinda da prática e do curso de formação e as implicações desses conhecimentos se expressam no exercício autoral da escrita desse gênero. Mas, nem sempre, os memoriais de formação são produzidos por professores em formação continuada. Em alguns casos, alunos em formação inicial que estão fazendo estágio ou participam de algum projeto dentro da universidade escrevem memoriais de formação. Em relação a essa discussão, Prado e Soligo salientam que “[...] quando os autores são apenas estudantes, o que se coloca como referência principal é a condição de estudante e a reflexão sobre a prática inevitavelmente é de outra natureza, uma vez que ainda não ingressaram na profissão” (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 8).

A ênfase na experiência de vida, atualizando esse vivido com o exercício profissional parece ser uma das possibilidades para formação de professores. Larrosa aponta criticamente esse mecanismo como trabalho com a linguagem no contexto da cultura escolar, ao expor que:

[...] ao longo de toda nossa travessia pelos aparatos educacionais, estamos submetidos a um dispositivo que funciona da seguinte maneira: primeiro é preciso informar-se e, depois, há de opinar, há que dar uma opinião

obviamente própria, crítica e pessoal sobre o que quer que seja. A opinião seria como a dimensão “significativa” da assim chamada “aprendizagem significativa”. (LARROSA, 2002, p. 22).

Os professores conseguem narrar e recordar seus percursos formativo e profissional por algum significado dado a esses momentos ou por alguma ressignificação dada posteriormente. Esses exercícios de parar, repensar e dar tempo a si mesmo são considerados essenciais para que a experiência aconteça, pois, segundo Larrosa (2002, p. 24-25):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Souza e Dourado (2014), consideram o espaço discursivo de escrita de memoriais de formação como uma provocação para ativar alguém que está aberto a novas experiências e a novos aprendizados, alguém que tem consciência de que não é o dono do saber, mas que está sempre em busca de novos saberes. É um sujeito que está aberto à sua própria transformação. Essa transformação juntamente com a formação é um componente fundamental da experiência. Desse modo, o memorial de formação se configura como o território em que os professores não apenas narram seus momentos vividos, mas atribuem significados do já vivido ao contexto de formação docente.

#### **4 Análise e discussão dos dados: sentidos atribuídos ao memorial de formação pelas professoras/alunas no seu percurso formativo**

Como discutimos ao longo do texto, o memorial de formação constitui-se num expediente metodológico imprescindível no processo de formação docente visto que possibilita ao professor/aluno, pensar sobre si e suas experiências formativas, a partir do registro de vivências, memórias e reflexões. Nessa perspectiva, buscaremos depreender, a partir de agora, a importância que as professoras/alunas, sujeitos desta pesquisa, atribuíram ao memorial de formação no seu percurso formativo, enquanto alunas do Curso de Pedagogia.

Esses memoriais deveriam ser estruturados a partir de três marcadores: Eu Estudante, Eu Professor (a), Eu no programa de formação de professores da FAGED/UFBA. Ao analisar

os memoriais, verifiquei que esses marcadores foram seguidos, não de forma estanque, mas diluído ao longo do memorial. Além desses marcadores, percebemos o relato dos percursos pessoais (os aspectos da infância, da adolescência, o casamento, os filhos). Isso nos remete a Nóvoa (1995) e Pereira (2013), ao defenderem uma formação que possibilite o diálogo entre as dimensões pessoais e profissionais do professor, uma vez que antes de sermos professores, somos pessoas.

A escrita do memorial de formação, atividade obrigatória do curso, possibilitou às professoras/alunas o registro, em forma de narrativas reflexivas, de seus percursos de formação pessoal e profissional. Possibilitou o relato de suas histórias, descortinando acontecimentos considerados inesquecíveis ou mais interessantes, no âmbito de seus percursos formativos. Enfim, a escrita do memorial permitiu às professoras/alunas pensar nos porquês das suas atitudes diante das situações que vivem e nos acontecimentos que se sucedem ao seu redor. Ao recordar e registrar suas histórias, as professoras/alunas passaram a compreender quem foi e quem é e quem, de alguma forma fez parte desta construção. Vejamos os excertos abaixo:

Este memorial contém reflexões vividas durante meu percurso na época de criança, adolescente e adulta, na condição de ser humano, professora de Educação Infantil, estudante no período primário, colegial e ensino médio e superior. Sua escrita se baseia nas minhas memórias que o tempo não apagou. [...] A escrita desse memorial trouxe minha história de vida de forma intencional e permitiu construir minha identidade como profissional da educação (RIBAS, 2011, p.06-29).

[...] A escrita deste texto me proporcionou lembrar coisas passadas tanto nos bons quanto nos momentos ruins que antes pareciam estar esquecidas, selecionei minhas memórias para expor neste texto o que considero relevante para minha vida profissional e pessoal, assim escrevo um pouco sobre minha infância, minha família e o desafio que foi a minha formação/educação. [...] Relato fatos do passado que ficaram gravados na minha memória e que contribuíram para que eu me tornasse o que eu sou tanto como profissional quanto pessoa. Talvez aí esteja a importância do memorial, a percepção da transformação através da memória. Embora não seja só a narradora, mas também o objeto de análise; passo a ver a minha vida com expectadora dos meus avanços, recuos, crescimento, enfim... Há uma percepção de como se deu a minha construção (SOUZA, 2011, p.6).

Escrever este memorial foi uma tarefa que tive dificuldades, principalmente em organizar a sequência dos acontecimentos, seguindo a linha da memória nessas 3.200 horas de curso. Porém, uma experiência enriquecedora, porque me propiciou (re) ver e refletir sobre as minhas ações e a prática de sala de aula. Hoje, percebo que tenho novos olhares sobre a minha prática pedagógica e, certamente, irão me ajudar a (re) pensar a minha postura docente, analisá-la e (re) significá-la [...]. (SANTOS, 2011, p.6)



Além de possibilitar o relato dos percursos pessoais, o memorial de formação oportuniza as professoras/alunas a reflexão crítica sobre a sua prática pedagógica, evidenciando assim, um potencial para reflexão da docência. Essa atribuição ao memorial de formação ganha espaço nos seguintes trechos:

Escrever pensando em minha prática deu mais sabor à minha história de vida, pois as **reflexões** me fizeram **pensar** na pessoa que fui, e que sou agora. [...] A temática estudada neste trabalho evidencia uma **discussão** e **reflexão** do meu papel enquanto educadora, levando-me a pensar no meu papel em tempos de mudanças que vem me desafiando a todo momento. [...] (RIBAS, 2011, p.30, grifos meus)

Escrever este memorial foi uma tarefa que tive dificuldades [...]. Porém, uma experiência enriquecedora, porque me propiciou **(re) ver e refletir sobre as minhas ações e a prática de sala de aula. Hoje, percebo que tenho novos olhares sobre a minha prática pedagógica e, certamente, irão me ajudar a (re) pensar a minha postura docente, analisá-la e (re) significá-la [...].** (SANTOS, 2011, p.6, grifos meus)

A escolha de algumas palavras por parte das professoras/alunas, como: reflexão, pensar, rever, (re) pensar, analisar, (re) significar nos faz perceber um movimento de reflexão de suas próprias práticas e experiências em sala de aula, proporcionado pela escrita dos memoriais de formação. Estas atitudes propiciam a elaboração de seus saberes e de seus fazeres através da reflexão, na medida em que analisam suas ações permanentemente, questionando, indagando e reconstruindo, isto é, tornam-se pesquisadoras de sua própria prática para produzir conhecimentos (FREIRE, 1996). Sob esta ótica, Nóvoa (1995) esclarece que a formação docente não se constrói por acúmulo de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas através da reflexão crítica sobre as práticas e da (re)construção contínua de uma identidade pessoal. Por isso, entrar no mundo da formação de professores significa acreditar na importância da reflexão realizada a partir das experiências vivenciadas.

## Considerações

Constatamos o potencial da produção de memorial de formação como expediente metodológico para reflexão da docência, uma vez que oportuniza ao professor o registro e a reflexão de seus percursos profissionais e formativos em variados estágios, encontrando assim, um significado para estes e transformando-os em experiência. Esses exercícios de parar, repensar e dar tempo a si mesmo são considerados essenciais para que a experiência aconteça, segundo Larrosa (2002). Desse modo, como afirmam Souza e Dourado (2014), o espaço discursivo de escrita de memoriais de formação é uma provocação para ativar alguém

que está aberto a novas experiências e a novos aprendizados, alguém que tem consciência de que não é o dono do saber, mas que está sempre em busca de novos saberes.

Constatamos, também, a esfera de produção do memorial como escrita acadêmica que ativa dispositivos analíticos de reflexão a auto reflexão da narrativa de si, com possibilidades de retomadas de pontos de vista, avaliação de valores e crenças, registro de acontecimentos singulares da vida escolar, bem como a prática de reescrita e revisão linguística do texto. Esses aspectos corroboram para valorizar a produção do gênero memorial como espaço constitutivo de autoria da docência, documento do percurso individual que revozeia experiências coletivizadas com o grupo social do sujeito/autor da escrita memorialística.

## Referências

ARAÚJO, Maria de Fátima; GASPAR, Mônica Maria Gadêlha de Souza; PASSEGI, Maria da Conceição. **Memorial – Gênero textual (Auto) biográfico** In: *ANAIS do VI SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais*, Agosto 2011, UFRN, 2011.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. “**Notas sobre experiência e o saber de experiência**”. In: *Revista Brasileira de Educação*. n. 19. São Paulo, p. 20 – 28, jan/fev/mar/abr, 2002.

NÓVOA, António. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, António. (org.) **Vidas de professores**. 2.ed.Portugal: Porto Editora, 1995a. p. 11-30.

\_\_\_\_\_. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, António. (Org.). **Os professores e sua formação**. 2.ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995b.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Vidas de professores**. 2.ed. Portugal: Porto Editora, 1995c.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Os professores e a sua formação**. 2.ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor**. São Paulo: Ed. da UFSM, 2013.

PÉREZ GÓMEZ, A. **O pensamento prático do professor como profissional reflexivo**. In: NÓVOA, António. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação....** In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações*. Campinas, SP: Graf, 2005.

RIBAS, Elizabete Rodrigues Novais. **Revivendo Memórias dom Lembranças**. Universidade Federal da Bahia: Irecê, 2011.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. *O discurso docente (re) velado no gênero memorial*. Belo Horizonte, 2008. 288f. : II. Tese (Doutorado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SANTOS, Francisca das Chagas Cardoso do Nascimento. **Alfabetizadoras experientes e a constituição da docência: trajetórias narradas**. Piauí, 2013. 144f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, 2013.

SANTOS, Mere Márcia Alves de Almeida. **Lembranças e experiências**. Universidade Federal da Bahia: Irecê, 2011.

SARTORI, Adriane Teresinha. *Os professores e sua escrita: o gênero discursivo “memorial de formação”*. Campinas, SP: [s.n.], 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si: Estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, Salvador-BA: UNEB, 2006.

\_\_\_\_\_. **(Auto) Biografia, Identidade e Alteridade: Modos de narração, Escritas de Si e Práticas de Formação na Pós-Graduação**. Revista Fórum, ano 2, V.4, p. 37-50, jul-dez de 2008.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo; DOURADO, Leidiane Santos. Memorial de formação como gênero do discurso: produto de trocas interacionais em contextos de formação continuada. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 37-56, jul.-dez. 2014.

SOUZA, Nubiane Oliveira da Silva. **Memorial: narrando minha história de vida**. Universidade Federal da Bahia: Irecê, 2011.

TEIXEIRA, Gilson Ruy Monteiro *et al.* **Instâncias de (Auto)formação Docente: a memória na composição da professoralidade**. V Fórum Internacional de Pedagogia – UESB, 26 -28 de jun de 2013. Disponível em:

<[http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho Comunicacao oral idinscrito\\_197\\_aae4e65c714c8918a92821454deb9677.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_197_aae4e65c714c8918a92821454deb9677.pdf)> Acesso em: 12 de março 2015.